

Investigação no motel

Um dos primeiros relatos que ouvi na condição de Corregedor-Geral da Advocacia da União dizia respeito a uma investigação de uma possível utilização irregular de um veículo oficial. Cogitava-se que determinado dirigente de um dos órgãos da Advocacia-Geral da União teria levado, num dos carros oficiais, uma das secretárias para um motel.

A situação sob investigação era pra lá de inusitada. Entretanto, mais curiosa foi a forma com um dos advogados públicos federais em exercício na Corregedoria relatou os passos mais agudos dos processo investigatório preliminar.

Disse, o relator, de forma direta e sem rodeios que foi ao motel com um colega de trabalho. É certo que estamos, com acerto, em tempos de combate aos preconceitos, notadamente quanto às relações homoafetivas, mas a afirmação curta e grossa não deixou de causar uma certa surpresa na minha pessoa.

A frase seguinte também foi impactante. Disse o narrador que passou cerca de duas horas no motel devidamente acompanhado do colega da Corregedoria.

Somente depois dessas duas considerações, o ilustre advogado público federal esclareceu que esteve no motel para entrevistar a gerente do estabelecimento e, ante sua ausência, precisou esperar pela sua chegada.

Depois de ouvir todo o relato das peripécias investigatórias realizadas, ponderei ao interlocutor que, se não fosse o caso de sugerir com a narrativa certa opção sexual, sem nenhum preconceito ou conotação negativa nessa assertiva, a ordem das explicações fosse ligeiramente alterada. Algo como: a) havia a necessidade de inquirir a gerente do motel; b) a dita cuja demorou para chegar ao local de trabalho e c) os nobres investigadores esperaram pela gerente, no escritório do estabelecimento, por quase duas horas.